

## NIETZSCHE E A NATUREZA HUMANA: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO DEBATE SOBRE O NATURALISMO NIETZSCHIANO

NICOLLE ELOISA LEMOS<sup>1</sup>; CLADEMIR LUÍS ARALDI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – nicolle.elo@outlook.com1

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas 3 – clademir.araldi@gmail.com<sup>3</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, diversos estudiosos da filosofia de Friedrich Nietzsche, especialmente nos contextos anglo-saxão e americano, buscaram restituir a sua filosofia ao naturalismo e, com isso, consideraram que Nietzsche seria um dos filósofos da natureza humana<sup>1</sup>. Pretendemos, nesta comunicação, apresentar como esse debate estipula indícios de como compreender a natureza humana a partir da filosofia de Nietzsche, bem como apresentar considerações iniciais sobre a nossa compreensão.

Dado o caráter antimetafísico da filosofia de Nietzsche, já de início devemos esclarecer que quando falamos em natureza humana não consiste na compreensão mais caracterizada pela tradição filosófica, isto é, a perspectiva metafísico-essencialista (cristalizada, imutável, universal, numênica, a-histórica) como o próprio filósofo adverte: “‘A verdadeira natureza do homem’ - expressão proibida!” (Nachlass/FP 1880 6 [150]). Contudo, não são poucas as passagens em que o filósofo faz menções à natureza humana, como em *Ecce Homo*: “As mais baixas e as mais elevadas forças da natureza humana [Menschlichen Natur]” (EH/EH, Assim falou Zaratustra §6), ou seja, a nosso ver, o filósofo rejeita o conceito partindo de perspectiva metafísico-essencialista, mas estipula a sua própria perspectiva que deve ser pensada dentro do todo de sua filosofia.

### 2. METODOLOGIA

Para a efetividade da presente pesquisa, utilizaremos uma metodologia de caráter bibliográfico, partindo de uma exegese minuciosa dos textos nietzschianos. Como nosso objetivo consiste em investigar a compreensão nietzschiana de natureza humana, iremos nos concentrar em alguns pontos do segundo período da filosofia de Nietzsche e mais especialmente no terceiro período de sua filosofia, buscando compreender esse termo relacionado com diferentes esferas da vida humana, como nossa animalidade, nossas configurações corpóreas, a cultura, etc. Além disso, iremos investigar entre os estudiosos de Nietzsche que relacionaram sua filosofia ao naturalismo, como estipularam a natureza humana em Nietzsche em suas diferentes dimensões.

---

<sup>1</sup> Não só os estudiosos do naturalismo nietzschiano se preocupam em refletir sobre a natureza humana a partir da filosofia de Nietzsche, mas também os estudiosos que atualmente desenvolvem uma biopolítica nietzschiana, como Vanessa Lemm por exemplo, que aborda a natureza humana principalmente relacionada com a nossa animalidade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dependendo do tipo de naturalismo que cada comentador associou a Nietzsche, também nos deram indícios de como compreendem o conceito de natureza humana a partir de sua filosofia. Brien Leiter, estipulou o naturalismo nietzschiano em dois viés: o naturalismo metodológico especulativo e o naturalismo substantivo. O naturalismo metodológico especulativo de Nietzsche seria como o de Hume, ou seja, teorias especulativas acerca da natureza humana moldadas pelas ciências e pela perspectiva científica, em relação ao modo como as coisas funcionam. Já o naturalismo substantivo consiste na “tese (ontológica) de que as únicas coisas que existem são naturais” (LEITER, 2011, p. 82). Christopher Janaway, por sua vez, não encontra esses dois tipos de naturalismos que Leiter estipula, afirmando que o naturalismo nietzschiano possui um sentido amplo ao enfatizar o corpo, discutir a natureza animal dos seres humanos, e procurar explicar inúmeros fenômenos recorrendo a impulsos, instintos e afetos localizados em nossa existência física corpórea. Além disso, o comentador aponta que os “Métodos de continuidade” com as ciências de Nietzsche é mínima, representando apenas uma preocupação em explicar a moralidade em termos de causas, e, desse modo, se as explicações causais de Nietzsche de nossos valores morais são naturalistas, “elas são em um sentido que inclui dentro do ‘natural’ não apenas a constituição psicofísica do indivíduo cujos valores estão para explicação, mas também muitos fenômenos culturais complexos, como também os estados psicofísicos de indivíduos passados e tipos projetados de indivíduo” (JANAWAY, 2007, p. 52-53). Já Richard Schacht que também rejeita os dois tipos de naturalismo de Leiter, buscou desassociar ainda mais a perspectiva científico-natural causal-determinista, apontando que Nietzsche opera com transformações e processos inteiramente mundanos em nossa animalidade humana original e fundamental, ressaltando o papel da Cultura e da História, uma vez que a concepção do filósofo da realidade que nós humanos atingimos é tão social e cultural quanto é biológica, fisiológica e psicológica. Com isso, Schacht apresenta as Sensibilidades, isto é, configurações complexas de disposições, atitudes, crenças, valorações e tendências interpretativas que são “alimentadas” “por fontes afetivas e podem ser, em alguma medida, governadas por algum traço humano herdado, mas variável; mas elas também estão fortemente inscritas na cultura, refletindo elementos das formações culturais a que se foi exposto e que foram internalizados.” (SCHACHT, 2011, p. 67)

Em um primeiro momento, a nosso ver, o paradigma da natureza humana em Nietzsche pode ser compreendido em dois registros intrínsecos. O primeiro formulado desde o segundo período de sua filosofia, pois Nietzsche, já em *Humano, demasiado humano*, inicia suas investidas críticas às explicações metafísicas de homem, instaurando o filosofar histórico na medida em que reconhece que o homem veio a ser, assim como todas as suas características mais “fundamentais”, não configurando em uma verdade eterna, ou seja, abordar a natureza humana em Nietzsche é reconhecer em primeiro plano, o aspecto histórico que nos compõe, em todas as configurações humanas, como nossos impulsos, instintos e afetos<sup>2</sup> -

---

<sup>2</sup> A historicidade do homem na filosofia de Nietzsche, tampouco revela que a natureza humana não possui significado para o filósofo, pois nesta mesma obra, Nietzsche aponta que com o método da “observação psicológica”, utilizado por La Rochefoucauld, outros psicólogos franceses e Paul Rée, método este que neste momento de sua filosofia busca apropriar-se para ser um atirador de boa mira que acerta sempre no escuro “— mas no escuro da natureza humana [menschlichen Natur] (MAI/HHI §36).

consiste em reconhecer também a nossa animalidade - e a relação destes com as complexas formas culturais que fomos imergidos. O segundo registro, Nietzsche desenvolve especificamente no terceiro período de sua filosofia, a saber, a natureza humana em Nietzsche deve ser entendida a partir da sua teoria das forças e a sua doutrina da vontade de potência, isto é, de que “o mundo é vontade de potência e nada mais” (JGB/BM §36), ou seja, que a totalidade do mundo é constituída por uma “multiplicidade de vontades que se contrapõem umas às outras” (MÜLLER LAUTER, 2009, p.70). Desse modo, o homem, ou melhor, a natureza humana deve ser compreendida partindo da sua constituição fisiopsicológica, isto é, enquanto luta de quanta de potência – impulsos ou forças – por incremento.<sup>3</sup> É neste sentido, pois, que o próprio filósofo aborda a natureza humana ao enaltecer Zarathustra, “esse mais afirmativo dos espíritos; nele todos os opostos se fundem numa nova unidade. As mais baixas e as mais elevadas forças da natureza humana [Menschlichen Natur]” (EH/EH, *Assim falou Zarathustra* §6).

#### 4. CONCLUSÕES

Partindo do fato que a presente pesquisa está articulada com um projeto maior – uma dissertação de mestrado em andamento – nossas conclusões serão parciais. Com as investidas de alguns estudiosos de Nietzsche que buscaram inseri-lo no naturalismo, também despertaram a hipótese de que o filósofo teria desenvolvido uma teoria geral sobre a natureza humana. Nesta pesquisa, pretendemos elucidar uma concepção de natureza humana que seja coerente com a filosofia de Nietzsche. Nesse momento, sem nos preocuparmos (diretamente, pelo menos) com o tipo de naturalismo que Brian Leiter, Christopher Janaway e Richard Schacht vinculam a Nietzsche, partindo de alguns indícios dados por esses estudiosos, entendemos que Christopher Janaway e Richard Schacht elaboram de maneira mais rica e coerente uma concepção de natureza humana em Nietzsche, ressaltando o aspecto do corpo, de nossa animalidade e de nossas configurações (instintos, impulsos e afetos), nossas características que são herdadas<sup>4</sup>, além do papel importante que a cultura e a história possuem. A nosso ver, os dois registros fundamentais para se pensar em uma natureza humana em Nietzsche partem, em primeiro plano, do carácter mutável de nossa natureza e, em segundo plano, o fato de homem e mundo compartilharem da mesma constituição, isto é, a doutrina da vontade de potência. A partir desses dois elementos, todas as outras questões – a nossa animalidade, os nossos instintos, impulsos e afetos, nossas capacidades e características – se tornam

---

<sup>3</sup> Müller Lauter demonstrando que a vontade de potência só existe enquanto pluralidade de diferenças quantitativas, retira a possibilidade de instaurá-la como princípio fundante, como tentou por exemplo Heidegger. Nas palavras de Lauter: “A vontade de potência é, na verdade, a qualidade comum ao que é quantitativamente distinto (conforme a potência). Contudo, não se pode reduzir esse traço comum à simplicidade de um princípio fundante: essa qualidade existe somente na pluralidade das diferenças quantitativas. De outro modo, ela não poderia ser vontade de potência, pois não haveria mais nenhuma contraposição que permitiria a supremacia. Falar de qualidade como se ela existisse “em si”, “antes” das particularizações quantitativas, significa compreender mal a filosofia de Nietzsche, como se fosse uma metafísica, contra a qual ele decididamente se opôs”. (MÜLLER LAUTER, 2009, p. 67)

<sup>4</sup> Neste sentido, a concepção de natureza humana em Nietzsche é bem mais próxima da concepção das ciências naturais contemporâneas, como a psicologia e a biologia evolutiva que levam em consideração a nossa evolução, nossa fisiologia e o fenômeno da hereditariedade, do que das concepções da tradição filosófica.

vinculadas nesses dois elementos. Natureza humana em Nietzsche, portanto, é compreendida de maneira dinâmica. Contudo, como apontamos, nossas considerações são parciais, pois também temos a pretensão de entendermos como complexas formas culturais têm se relacionado com a nossa natureza, como essa natureza atua e sofre modificações, como Nietzsche desenvolve na *Genealogia da moral*, ou seja, abordar uma concepção de natureza humana mutável consiste em elucidar as transformações históricas que a moldaram e a configuração “mais atual” que possui.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOMINGUES, Ivan. A Filosofia, as Ciências e Questão Antropológica. **Analytica. Revista de Filosofia**, v. 15, n. 1, p. 13-48.

FERRER, Raúl García. Concepciones actuales de la naturaleza humana: del dualismo al monismo ya la no-naturaleza. **Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia**, n. 22 (1), p. 122-138, 2017.

JANAWAY, Christopher. **Beyond Selflessness**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LEITER, Brian. O naturalismo de Nietzsche reconsiderado. Tradução de Oscar Augusto Rocha Santos. **Cadernos Nietzsche**: USP: São Paulo, 29, pag. 77-126, 2011.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**: Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos póstumos (1875-1882) (Vol. II)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

SCHACHT, Richard. Nietzsche on human nature, **History of European Ideas**, 11:1-6, p. 883-892, (1989)

\_\_\_\_\_. O naturalismo de Nietzsche. Tradução de Olímpio Pimenta. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v.I, n. 29, p. 35-75, 2011